



VISÃO DE ENFERMEIROS EMERGENCISTAS SOBRE A MORTE

Yana Carolina Silvestre Machado¹, Juliana Dalcin Donini e Silva².

RESUMO: A morte é um fenômeno antigo na natureza do ser humano, considerado um evento biológico que encerra uma vida. Nenhum outro evento durante a vida é capaz de instigar nos seres humanos mais pensamentos dirigidos pela emoção do que a morte, seja pelo indivíduo que está morrendo, seja naqueles que estão a sua volta. O objetivo deste estudo é conhecer a percepção de enfermeiros emergencistas que atuam em atendimento pré-hospitalar sobre o processo de morte e morrer. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva com abordagem qualitativa. Foram sujeitos do estudo seis enfermeiros que atuam em atendimento pré hospitalar. A pesquisa foi realizada entre os meses de junho e agosto de 2015. Foram colhidos dados de identificação e realizadas entrevistas direcionadas por questões norteadoras. Após transcrição, as falas foram meditadas, categorizadas e analisadas pelo método de análise de conteúdo de Bardin. Emergiram duas categorias: experienciando a morte e; enfrentando a morte. Os resultados mostram o envolvimento do profissional enfermeiro diante da morte durante o atendimento pré-hospitalar, e apresenta a necessidade de que novos estudos sejam realizados sobre o assunto, para subsidiar a inserção de disciplinas que abordem o processo de morte/morrer nos cursos de graduação em enfermagem.

PALAVRAS – CHAVE: enfermagem; morte; serviços médicos de emergência.

1 INTRODUÇÃO

A morte é um fenômeno antigo na natureza do ser humano, um evento biológico que encerra uma vida. Nenhum outro evento vital é capaz de instigar nos seres humanos mais pensamentos dirigidos pela emoção do que a morte, seja pelo indivíduo que está morrendo, seja naqueles que estão a sua volta (LUNARDI, SULZBACH, 2001).

Historicamente, no final do século XX e começo do século XXI a morte acontecia no domicílio, com a pessoa envolta por seus familiares e, atualmente passou a acontecer nos hospitais, com o paciente rodeado por tubos, máquinas e profissionais sobrecarregados (KÓVACS, 2003).

Nesse ínterim, apesar de haver grandes avanços tecnológicos e terapêuticos em relação à saúde, usualmente os profissionais não estão preparados para atender pessoas em processo de morte e morrer, nem como lidar com seus sentimentos e emoções (BALSANELLI, SANTOS, SOLER, 2002).

O enfermeiro se depara, ao longo da sua vida profissional, com a terminalidade de crianças, jovens, adultos e idosos e precisa estar preparado para atender a todos com presteza e compreensão dessa fase da vida. A morte da criança e do adolescente é interpretada como uma interrupção precoce no seu ciclo biológico, provocando na equipe de enfermagem sentimentos de impotência, frustração, tristeza, dor, sofrimento e angústia (SPINDOLA, MACEDO 1994).

Compreende-se que o processo de morte e morrer é experienciado por cada ser de uma forma diferente, levando-se em consideração aspectos socioculturais e espirituais e experiências anteriores.

Nesse pensar, a realização desse trabalho justifica-se por entender-se a necessidade de compreender a experiência de enfermeiros que atuam em atendimento pré-hospitalar diante do processo de morte e morrer de crianças e adultos jovens, possibilitando assim, que novas ações possam ser realizadas no sentido de ajudar os profissionais de saúde em geral, em especial enfermeiros a enfrentar esses momentos.

Logo, o objetivo deste estudo é conhecer a percepção de enfermeiros emergencistas que atuam em atendimento pré-hospitalar sobre o processo de morte e morrer.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória com abordagem qualitativa.

Foram sujeitos do estudo seis enfermeiros que atuam em atendimento pré-hospitalar. A pesquisa foi realizada entre os meses de junho e agosto de 2015.

Os critérios de inclusão para participação no estudo foram profissionais enfermeiros que compõem as equipes do SAMU de Maringá/PR.

Após aprovação do local e CEP do Centro Universitário de Maringá pelo parecer nº 1.157.049, foram agendadas as entrevistas com os sujeitos do estudo.

¹ Acadêmica do curso de bacharelado em enfermagem do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR. yanacrln@gmail.com

² Docente do curso de bacharelado em enfermagem do Centro Universitário Cesumar - UNICESUMAR. Juliana.donini@unicesumar.edu.br



Foram realizadas entrevistas direcionadas por um questionário semi-estruturado composto por dados de identificação e questões norteadoras. Diante da autorização das depoentes, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, garantindo que nenhum dado se perdesse.

Depois de transcritas, as falas foram meditadas, categorizadas e analisadas pelo método de análise de conteúdo de Bardin.

Destaca-se que foram respeitados todos os princípios éticos e legais estabelecidos pela Portaria 466/2012 do CNS/MS.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para este estudo foram sujeitos da pesquisa seis enfermeiros que trabalham no Atendimento Móvel de Urgência e Emergência (SAMU), de uma cidade do Noroeste do Paraná. Os sujeitos da pesquisa tinham idade entre 30 e 60 anos e o tempo de formação dos mesmos variou de nove a 30 anos, com tempo de atuação semelhante.

Após leitura dos depoimentos, emergiram duas categorias temáticas: experienciando a morte e enfrentando a morte. Os sujeitos foram identificados pela letra “A” seguidas de números arábicos de acordo com a ordem das entrevistas.

3.1 EXPERIENCIANDO A MORTE

Experienciar a morte se configura como modo de ser do ser humano que, ao ser questionado, desvela-se para seu enfrentamento. Cada ser, possui em seu íntimo uma concepção sobre esse vivenciar e pensar (KEMPER, CARRARO, 2014).

Logo, diante dos depoimentos, pode-se perceber a experiência dos profissionais enfermeiros diante da morte.

“Foi uma assim muito difícil, por que eu já comecei, faz o que, 27 anos que eu estou de formada, mais eu comecei meu trabalho no pré hospitalar no SIATE, por que a gente implantou o SIATE em 1996, então daí eu já comecei a sair em ambulância, já me deparei com esse tipo de situação [...]” (A1).

Apesar desses vínculos conceituais entre a vida, a morte e o morrer, existem dificuldades sérias em definir diretamente a morte visto que, em condições normais, não temos experiência direta dela. Em outras palavras, a morte propriamente dita é praticamente impensável e quando, por alguma razão, ela se impõe à consciência e à elaboração, se dá com muito sofrimento (SCHRAMM, 2002).

“E na área profissional isso também acaba sendo, uma certa dificuldade, porque você convive muito com a dor no dia a dia, é a gente que vai atender, à domicílio, não só o trauma mais a parte clínica, enfim, você convive ali, naquele momento, com os familiares que estão em sofrimento, na dor da perda. E, e a gente acaba de uma forma ou de outra, assimilando também um pouco daquele sentimento que está acontecendo ali, então isso não é fácil.” (A2).

Conforme o relato acima, pode-se perceber a dificuldade de enfrentamento da morte e até mesmo em pensar sobre a morte e o morrer em seus aspectos e múltiplas significações.

“Foi atendimento em via pública, era um senhor que na verdade teve uma dor torácica e teve uma parada cardiorrespiratória, no portão de casa. [...] ele já era um cardiopata grave, a gente não conseguiu reverter. Esse momento que a gente sai da zona de conforto nossa, é um choque muito grande, porque a gente vai para o ambiente do paciente, então a gente faz um atendimento com o recurso que a gente tem, que é o necessário ali para aquele momento, mais assim toda, a família acompanhando, enfim então eu que acho que é uma, uma ansiedade muito grande.” (A3)

A experiência revelada pela depoente A3 mostra a ansiedade do profissional em atender o paciente no domicílio, onde a presença do familiar aumenta ainda mais o receio de não conseguir salvar a vida, justamente pelo medo da repercussão que a morte pode trazer no seio familiar a para o profissional que precisa lidar com o sentimento de fracasso.

3.2 ENFRENTANDO A MORTE

O morrer pode ser encarado como um processo em que várias funções relacionadas à vida se perdem, contudo, vários sentimentos o permeiam (COSTA, LIMA, 2005), e enfrentar esse sentimento para prosseguir com o atendimento é um trabalho de toda a equipe, principalmente do enfermeiro.



“Mesmo depois de vinte e poucos anos, ainda fico abalado com esse tipo de situação, mas conforme você vai tendo experiência, não é que você fica fria, não é isso, mas o sentimento não é tão forte quanto no começo.” (A1); “O lado profissional, o lado técnico, quanto mais tempo passa, mais preparado você está. Agora o emocional é aquela coisa, dependendo da situação mexe com você [...]” (A2)

O enfermeiro em atendimento pré-hospitalar, além da preocupação com a execução do protocolo de atendimento e tomar decisões, precisa enfrentar seus próprios sentimentos e conduzir a equipe neste processo, reproduzida na fala a seguir da entrevistada A4:

“Então, eu vim da área da urgência antes de vir pro SAMU, não é que a gente adquire resistência a essas situações (de morte), mas você tem que se colocar na situação de que esta lá para atender e tem que dar o máximo de si naquele momento, então se envolver com a situação fica difícil pra quem tá atendendo. Você acaba não conseguindo fazer o teu papel com qualidade, então sempre preservei muito isso, precisa conseguir manter o controle, senão você não consegue prestar um bom atendimento” (A4)

Diante dos casos de morte enfrentados pelos enfermeiros, muitas vezes se faz necessário a busca por acompanhamento psicológico, conforme relato de A2:

“Nós trabalhamos muito com a dor, a dor da perda, essa coisa toda, e no caso de alguma forma a gente tem que lidar com isso, com a questão do olhar profissional, então pra mim tem sido muito bom, eu ter esse acompanhamento, não é uma coisa muito assídua, mais, antes nós fazíamos semanalmente, agora de 15 em 15 dias, mais pra mim nossa, tem sido muito bom, muito bom mesmo. Ajuda bastante tanto que eu, naquele momento ali da dor você olha de uma outra maneira, um outro paciente e segue em frente o seu dia a dia.” (A2)

Neste pensar, Silva et al. (2011), refere a necessidade do preparo psicológico dos profissionais para o enfrentamento da morte. Esse preparo deve-se iniciar na graduação e estender-se no decorrer da carreira profissional, uma vez que será inevitável o enfrentamento do fim da existência.

4 CONCLUSÃO

O enfermeiro sente pesar diante da morte no atendimento pré-hospitalar, porém mostra-se seguro na execução das atividades não deixando transparecer seus sentimentos naquele momento.

Também ficou evidente que o enfermeiro sente necessidade de ser cuidado quando se trata do enfrentamento da morte. No entanto, é claro a falta de preparo profissional durante a academia e após a formação profissional.

Neste íterim, se faz necessário que novas iniciativas e estudos sejam realizados sobre o assunto, e que sejam desenvolvidas disciplinas sobre o processo de morte e morrer, instrumentalizando o profissional que, inevitavelmente, enfrentará a morte.

REFERÊNCIAS

BALSANELLI, A.P.; SANTOS, K. J.; SOLER, Z. O trabalho do enfermeiro em unidades complexas: um enfoque sobre os sentimentos para o cuidado diário de pacientes com risco de morte. **Nursing**, 5ª ed, São Paulo, v. 44, p. 23-8, 2002.

COSTA, J. C.; LIMA, R. A. G., Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado à criança/adolescente no processo de morte e morrer. **Rev. Latino-Am. Enfermagem[online]**. v.13, n.2, p. 151-57, 2005.

KEMPFER, S. S.; CARRARO, T. E. Temporalidade: o existir e a perspectiva da finitude para o ser-acadêmico-de-enfermagem ao experienciar a morte. **Texto contexto - enferm. [online]**. v.23, n.3, p. 728-34. 2014.

KÓVACS, M. J. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LUNARDI, Filho et al. Percepções e condutas dos profissionais de enfermagem frente ao processo de morte e morrer. **Texto Contexto Enferm.**,v. 10, n.5, p. 60-81, 2001.

SILVA, F.J.G et al. Processo de morte e morrer: evidências da literatura científica de Enfermagem. **Rev Bras Enfermagem**, Brasília, v.64, p. 1122-6, 2011.



SPINDOLA T, MACEDO M.C.S. A morte no hospital e seu significado para os profissionais. **Rev Bras Enfermagem.** v. 2, n. 47, p. 108-17, 1994.

SCHRAMM, F. R. **Morte e finitude em nossa sociedade:** implicações no ensino dos cuidados paliativos, 2005.